

Elizeu Clementino de Souza*

CONTE SUA HISTÓRIA: modos de viver e narrar experiências com doenças crônicas

Resumo

O texto discute questões relacionadas as experiências com a doença, processos de aprendizagens biográficas e formas de enfrentamento construídas pelos sujeitos para viverem com a cronicidade. O objetivo é analisar narrativas de colaboradores da Revista Saber Viver, publicadas na seção ‘Conte sua história’, no que se refere ao HIV/Aids, mobilizando-se disposições teóricas da abordagem (auto)biográfica para as análises das narrativas, como fonte de pesquisa, no que concerne às experiências dos sujeitos com o adoecimento. Discute-se questões sobre processos de produção, circulação e recepção da revista, ao evidenciar rupturas e refigurações identitárias implicadas com a doença crônica, disposições construídas por cada sujeito para viver com o HIV/Aids e representações sobre a doença.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica; Doenças crônicas; HIV/Aids; Aprendizagens com a doença.

Tell your story:

ways of living and narrating experiences with chronic diseases

Abstract

The text discusses issues related to experiences with the disease, the biographical learning processes, and the ways of coping built by the subjects to live with chronicity. The objective is to analyze narratives published in the ‘Saber Viver’ Journal, in the ‘Tell your story’ section, which regards HIV/AIDS, mobilizing theoretical dispositions of the (auto)biographical approach are mobilized for the analysis of the narratives, as a source of research, as far as it concerns the experiences of the subjects with the illness. Furthermore, the reflection aims to discuss questions about the processes of production, circulation and reception of the journal, by evincing the ruptures and reconfigurations which are part of a chronic disease experience, the provisions built by each subject to live with HIV/AIDS and the representations about the disease.

* Universidade do Estado da Bahia

1. Questões iniciais: o que a experiência nos ensina

A ideia central que mobiliza as análises apresentadas no texto¹ toma como referência reflexões sobre narrativas (auto)biográficas e processos de aprendizagens com doenças crônicas, notadamente, no que se refere ao HIV/Aids, através das narrativas dos colaboradores da Revista Saber Viver, publicadas na seção ‘Conte sua história.

As discussões apresentadas no texto partem de teorizações sobre processos de aprendizagem com a doença e experiências com doenças crônicas, por parte dos próprios sujeitos, como campo de pesquisa na área da saúde, a partir da noção de Educação Terapêutica do Paciente (ETP), desenvolvida por Tourette-Turgis (2015), Tourette-Turgis e Pereira-Paulo (2016) e aspectos relacionados as aprendizagens biográficas.

As teorizações sobre aprendizagens biográficas com a doença, conforme sistematizações construídas por Delory-Momberger (2016, 2013), Delory-Momberger e Tourette-Turgis (2013) e Souza (2018, 2016, 2014a), possibilitam discussões sobre narrativas biográficas e questões relacionadas à crise identitária e refiguração da identidade, inscritas nas experiências com a cronicidade, serão férteis e potentes para as análises sobre as narrativas dos colaboradores da Revista Saber Viver, através das experiências narradas pelos sujeitos sobre o processo de adoecimento e práticas de resistências vinculadas ao ato de narrar a vida, a doença e os desafios que se colocam nas cores da vida, na escuridão do e/com o adoecimento, marcados pela cronicidade, como um post-it que cola e impregna a identidade pessoal, a identidade narrativa e social de pessoas que vivem com HIV/Aids.

O texto organiza-se a partir de uma discussão abreviada sobre processos de produção circulação e recepção da Revista Saber Viver e dimensões relacionadas as narrativas e experiências, no contexto das aprendizagens biográficas com doenças crônicas, especialmente o HIV/Aids, ao tomar como *corpus* de análise narrativas biográficas publicadas na seção “Conte sua história”. Para tanto, utilizarei na análise três eixos temáticos, organizados a partir do agrupamento das narrativas, os quais explicitam e articulam questões identitárias e de refiguração de si com a cronicidade, marcadas pelo HIV/Aids, pelos processos de aprendizagens com a doença e representações sobre a doença.

Aprender a viver com a doença implica apreender a doença, especialmente, a cronicidade, como uma manifestação da vida, como uma disposição objetiva e subjetiva que demarca rupturas e refigurações identitárias, face aos modos como os sujeitos forjam, enfrentam, reorganizam a vida e suas identidades para *com*-viver com o adoecimento.

¹ O texto é uma revisão do trabalho de Souza (2018) e apresenta resultados da pesquisa “Narrativas de adoecimento e aprendizagens biográficas: interfaces saúde-doença e vida-morte” Chamada CNPq N° 09/2020 – Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ, processo N°. 311890/2020-2

2. Revista 'Saber Viver': alguns apontamentos

Souza (2014a) ao realizar uma primeira análise do processo de produção, circulação e recepção da Revista Saber Viver, especialmente no que se refere a arqueologia do impresso, afirma que a revista teve o seu primeiro número publicado em 1999 e o último, correspondendo ao número 50 (cinquenta) no ano de 2013.

No que se refere a produção, a Revista Saber viver foi concebida e é organizada pela Saber Viver Comunicação² através da coordenação e edição de Silvia Chalub, tendo como assistente de edição Ester Machado e reportagens de Bruno Amorim, Ester Machado, Graça Portela, Luiza Toschi e Silvia Chalub, arte desenvolvida pela A4 Mãos Comunicação e Design e impressão financiada pelo Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde³.

Evidencia-se que a Revista Saber Viver objetiva, através do seu processo de produção e circulação, notadamente para pessoas que vivem com HIV/Aids, contribuir com socialização de informações sobre as relações postas entre saúde e doenças crônicas, questões voltadas para a cidadania e orientações para pessoas que vivem e convivem com o HIV/Aids.

A revista apresenta-se em suporte impresso e digital, sendo distribuída gratuitamente para todos os serviços públicos de saúde voltados para o atendimento e acompanhamento de pessoas que vivem com HIV/Aids.

A análise desenvolvida, ao tomar o impresso como objeto de investigação, através de diálogos teóricos e princípios da história cultural, da nova história e da biografização, possibilitou-me apreender práticas e usos, modos culturais e sociais de circulação de certas ideias contidas no impresso, mediante as diferentes formas de representação sobre o adoecimento e a cronicidade, partilhadas pelos colaboradores da Revista, publicadas na Sessão 'Conte sua História', face aos processos de aprendizagem e de refiguração identitária de pessoas que vivem com HIV/Aids.

A circulação da revista tem contribuído, através da materialidade do impresso, para a promoção de saúde, informação e cidadania para pessoas que vivem com o HIV/Aids. Quanto a produção e circulação, cabe observar que diversos editoriais explicitam aspectos vinculados a sua origem, seus objetivos, situando de forma muito clara ações de cuidado e atenção para pessoas que vivem com HIV/Aids, implicando em férteis e potentes contribuições para o desenvolvimento da autoestima e qualidade de vida, mediante processos de aprendizagens com a doença de pessoas soropositivas.

São inegáveis a importância e o papel assumidos pela revista, inicialmente, para os profissionais de saúde e, posteriormente, para pessoas que vivem com HIV/Aids, pela função social e processo de acompanhamento, escuta e publi-

² Para maiores informações sobre a Revista, consultar www.saberviver.org.br.

³ Cabe aqui destacar que até o número 30 a revista contou com financiamento dos laboratórios de medicamentos retrovirais, passando a partir do número 31 a ser financiada pelo Departamento de DST/Aids do Ministério da Saúde

cação de narrativas de diferentes profissionais de saúde – médicos, psicólogos, enfermeiros, farmacêuticos e assistentes sociais – e, também, na Seção Depoimentos e Conte sua História, narrativas biográficas de pessoas que vivem com HIV/Aids, demarcando, sobremaneira, modos de produção, circulação e recepção da revista, através das contribuições que apresenta para os leitores, no que se refere aos diagnóstico, aprendizagem com a doença, questões sobre cronicidade, adesão aos medicamentos, preconceitos, disposições jurídicas trabalhistas e acompanhamento médico, como fundamentais para as pessoas que vivem com HIV.

Após situar modos de produção, circulação e recepção da revista, discuto implicações possíveis entre narrativas e aprendizagens biográficas com doenças crônicas, ao tomar como referência sistematizações construídas por Souza (2016, 2014), através da análise de narrativas de colaboradores publicadas na sessão ‘Conte sua história’, da Revista Saber Viver. O enfoque aqui adotado incide sobre fragmentos narrativos dos colaboradores da revista, no que se refere à descoberta e diagnóstico do vírus, modos de vida, relações afetivas e familiares, HIV e mulheres, gestação e HIV, maternidade e infância com HIV, questões jurídicas, preconceito e discriminação que são manifestos nas narrativas publicadas na revista.

As narrativas publicadas na revista demarcam estruturas discursivas e sociais de pessoas que vivem com a doença, mas, também, formas como os sujeitos, através de suas narrativas criam disposições e modos diversos de aprendizagens com a cronicidade, construindo formas de enfrentamento e refigurações identitárias na interface entre narrativas, biografias e discursos produzidos com e sobre o adoecimento.

3. Modos de viver e de narrar: histórias e aprendizagens com a doença

O ato de contar histórias e de narrar experiências sobre acontecimentos cotidianos são fundamentais para reelaborações da própria vida e, conseqüentemente, para aprendizagens que se constroem sobre situações que nos colocam em desafios, demarcando modos de assujeitamento ou de enfrentamento, face as circunstâncias das experiências.

As relações que se colocam entre narrativas e aprendizagens biográficas implicam formas discursivas e ações dos sujeitos sobre a própria vida e suas identidades, especialmente, no que se refere as histórias de adoecimento, possibilitando deslocamentos, enfrentamentos e reconstruções identitária.

Viver e aprender com a doença, notadamente, com a cronicidade, é um desafio que se coloca face a ruptura que se inscreve nas condições de saúde e de vida das pessoas. Viver e aprender com a doença é uma disposição, um processo de aprendizagem que, obrigatoriamente, demarca outras experiências sobre a vida e para com a vida. Isso implica desenvolver atitudes de aceitação, resignação, enfretamentos do processo de adoecimento como uma experiência vital,

especialmente, quando se trata da *com*-vivência com a cronicidade do HIV/Aids. Ademais, cabe ressaltar que as representações sobre o HIV/Aids se vinculam aos preconceitos e diferentes formas de discriminação e/ou marginalização, criando ou instalando sofrimentos psíquicos, físicos, sociais e culturais sobre a própria doença, mas, também, possibilidades e deslocamentos identitários e encontros sobre a doença e sua cronicidade.

O trabalho que temos desenvolvido na rede de pesquisa sobre doenças crônicas e aprendizagens com a doença, tem revelado que os processos de biografização, conforme descritos por Delory-Momberger (2013), ao destacar as interfaces entre saúde-doença, às aprendizagens com a doença face as dimensões subjetivas e objetivas que se instalam de forma existencial com o adoecimento e sua cronicidade.

Princípios da pesquisa (auto)biográfica têm possibilitado aprofundamentos sobre aprendizagens com a doença, através de narrativas sobre o próprio adoecimento. Dimensões epistemológicas, metodológicas e questões de análise sistematizadas por Delory-Momberger (2012) e Souza (2014b), evidenciam que a pesquisa biográfica nasce das interfaces entre o indivíduo e o social, ao tomar a singularidade, suas implicações socioculturais, linguísticas, históricas, econômicas e políticas, como ato constitutivo da narrativa, que se manifestam nos modos como os indivíduos representam-se a si mesmos e aos outros, face as disposições de temporalidade, as experiências e reflexividades biográficas contidas no ato de narrar.

As noções de temporalidade, experiências e reflexividade são princípios estruturantes da pesquisa biográfica e (auto)biográfica, na medida em que se inserem em circunstâncias e situações sociais e individuais, numa dialética entre o singular e o social, como territórios e marcas temporais das narrativas, face aos sentidos e significados atribuídos pelos próprios sujeitos quando narram sobre suas histórias de vida, suas identidades e suas aprendizagens com o adoecimento.

Aprender com a doença, segundo Delory-Momberger (2013), configura-se como uma experiência vital, através dos movimentos de aceitação, de enfrentamento, de refiguração identitária que a própria doença remete para os sujeitos, especialmente, quando narram, numa perspectiva de biografização, sobre as condições existenciais e experiências com a própria doença.

Viver com a doença é uma experiência que exige deslocamentos da própria vida e aprendizagens cotidianas, as quais implicam formas de enfrentamento de questões sociais, de representações sobre a doença, de ações de acompanhamento, tratamento, de relações pessoais, familiares, profissionais que exigem dos sujeitos formas diversas de viver e narrar a própria vida e suas relações com a cronicidade.

Ancorado em princípios da pesquisa (auto)biográfica, analiso narrativas dos colaboradores da Revista Saber Viver, ao adotar três eixos temáticos – identidade e refiguração identitária; aprendizagem com a doença; representações sociais sobre a doença –, conforme já anunciado anteriormente, através da análise interpretativa-compreensiva (Souza, 2014b), das narrativas publicadas na seção ‘Conte sua história’ da referida revista.

Tais eixos temáticos possibilitaram demarcar, através da análise da seção ‘Conte sua história’, face a análise interpretativa-compreensiva, questões relacionadas à identidade, na medida em que as narrativas implicam formas de preservação ou não da soropositividade, através da utilização de pseudônimos e em outros momentos revelam as identidades dos colaboradores, o que evidencia disposições de enfrentamento com o adoecimento e a cronicidade, bem como processo de aprendizagens biográficas com a doença, como ação referente da narrativa.

Os depoimentos publicados desvelam, também, relações familiares, afetivas, de gravidez, preconceito e discriminação, relações trabalhistas e jurídicas, tratamento e adesão aos medicamentos, relação médico-paciente, religiosidade, autoajuda e grupos de convivência, questões de gênero, sexualidade e HIV, como marcas contidas nas narrativas, como férteis para os processos de aprendizagens vinculados à cronicidade e empoderamento das pessoas que vivem com HIV/Aids.

A história e narrativa de Jair sobre o diagnóstico e as diversas cirurgias que foi submetido por causa de uma tuberculose, além do apoio, cuidado e acompanhamento por parte da família, foram fundamentais para os modos como construiu formas de enfrentamento de viver com o adoecimento e a cronicidade da doença. Sua narrativa evidencia enfrentamentos que construiu para superar a crise instalada pela doença, sua relação com o médico, com os medicamentos e com a alimentação, bem como sua atuação na Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids, Núcleo Recife, como estratégia para enfrentamento do adoecimento e disposição de ajuda para outras pessoas que vivem com Hiv/Aids.

Tenho o HIV, porém feliz.

Meu nome é Jair. Tenho 28 anos. Sei que sou portador do vírus HIV há 10 anos. Fiz 6 cirurgias devido a uma tuberculose ganglionar que tive. Fiquei de cama, mas graças a Deus e à minha família, especialmente à minha mãe, eu não precisei ser internado. Foi a fase mais difícil da minha vida. Pensei que não iria conseguir vencer. Perdi 20 quilos. Meu peso normal é 72 quilos. Tenho 1,81m de altura. Eu parecia um esqueleto! Foi horrível. Fiz tratamento espiritual. Comecei a pensar positivo e esqueci que poderia morrer. Coloquei na cabeça que estava com tuberculose e que tinha cura! Tive anemia por causa do AZT. Meu médico trocou a medicação. Eu não comia nada, só frutas e líquidos. Graças a Deus, minha mãe foi minha enfermeira, cozinheira, acompanhante e tudo que eu precisava. Tive sorte porque minha família (mãe, irmã, pai e tias) me deu muita força para vencer essa batalha. Numa certa noite, depois de uns 45 dias de cama, tive um sonho no qual eu comia de tudo: arroz, feijão, macarrão, carne etc. Quando acordei pedi para minha mãe fazer feijão e arroz para eu comer com farinha. Depois desse dia não parei de comer mais! E ainda passei do meu peso normal. Hoje, estou com 84 quilos. O médico pediu para eu fazer dieta. Eu não obedeco porque adoro comer e, o melhor, como de tudo!

Hoje sou um dos coordenadores da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids – Núcleo Recife – PE (que luta pelos direitos dos portadores de HIV). Faço o curso de patologia clínica, sou de uma ONG/Aids – ASAS (Associação de Ação Solidária), também dou palestras sobre HIV/Aids e DSTs alertando e informando as pessoas de como se prevenirem. Isso tudo faço voluntariamente, sem ganhar nada, e com carinho, satisfação e muito orgulho de ajudar ao próximo. Sou feliz. Estou

namorando uma pessoa de 22 anos que é portador do HIV. Estamos juntos há 1 ano. Nos amamos muito. O melhor remédio para o HIV é você colocar na cabeça que ele é só um detalhe e é muito insignificante para nós. Esqueçamos dele e vamos pensar mais na gente. Vamos nos amar mais! Um fortíssimo abraço super, hiper, ultra, mega positivo para todos. Lembrem-se de se olhar no espelho todos os dias e dizer: eu me amo! Vou me cuidar! (Tenho, 2001, p. 12)

Encarar e viver o preconceito, bem como as representações sobre a doença são manifestações corriqueiras que se manifestam em diferentes espaços sociais, clínicos e na convivência cotidiana. As histórias de Jussara é exemplar de situações de discriminação e preconceito vividas no dia-a-dia, seja no ônibus, no consultório do dentista, com amigos, mas também revelam estratégias construídas e opções para partilharem informações com amigos, que possam, a despeito do adoecimento, desenvolver postura de acolhimento, de respeito e de cumplicidade com as pessoas que elegem para falarem sobre suas experiências e modos como vivem com a cronicidade do HIV/Aids.

O pavor da discriminação.

O medo de ser discriminada pelos amigos causa pânico em Jussara, 47 anos. “Não aguentaria ver meus amigos separando copos ou se afastando de mim pelo fato de eu ser soropositiva”. Em função disso, ela escolhe a dedo para quem contar que tem o vírus HIV. Mesmo assim, Jussara passa por algumas situações delicadas. A entrada pela frente do ônibus com o passe livre é uma delas. Ela conta que sempre é discriminada pelos motoristas: “Eles me vêem sem nenhum problema físico aparente, então ficam com má vontade. Alguns me perguntaram o que eu tinha, mas eu nunca disse”. O espaço que Jussara se sente fortalecida é no Hospital dos Servidores (RJ), onde é voluntária do grupo de auto-ajuda Viva a Vida. “Comecei a me sentir bem quando eu comecei a ajudar outras pessoas, passando informações e dando uma palavra de carinho”.

A Revista Saber Viver exerce também um papel importante, no que se refere as relações de gênero e orientações para as mulheres que vivem com o HIV. Conflitos familiares, separações, novas relações e projetos de vida abrem possibilidades para reconstruir a vida, almejando novos filhos e construindo estratégias para enfrentamento do adoecimento, das aprendizagens com a doença, especialmente, através da refiguração familiar e da participação num grupo de convivência, onde pode socializar suas experiências e também aprender com as histórias das outras pessoas.

Vontade de viver.

Meu nome é Marisia, tenho 33 anos, cinco filhos e um marido maravilhoso. Gostaria de contar minha vida para vocês. Conheci um rapaz com 15 anos. Apaixonei-me. Como sempre, no início tudo era uma beleza, mas, com o passar do tempo, descobri que ele era viciado em maconha e cocaína. Aos 18 anos, eu já tinha 2 filhos. Quando fiz 20, tive uma nova gravidez, que foi bem difícil, porque eu apanhava diariamente do meu marido. Finalmente, tive coragem de me separar e fui morar com minha mãe, que me recebeu de braços abertos, mesmo eu estando grávida e com

2 filhos pequenos. Um dia, soube pela minha ex-sogra que seu filho estava muito doente e que eu e as crianças tínhamos que fazer um exame anti-HIV. Os 20 dias que precederam a entrega do resultado foram os mais difíceis de minha vida. Quando fui pegá-los, para minha surpresa, descobri que os meus 3 filhos não eram sororeagentes para o HIV. Mas eu estava infectada. O mundo desabou sobre minha cabeça, mas juntei forças para viver. O pai das crianças faleceu em 1992. Resolvi me dar uma nova chance e, depois de algum tempo e muito sofrimento, apaixonei-me por um rapaz que, quando soube que eu era soropositiva, me aceitou com muito carinho. Hoje, vivemos juntos. Tive mais dois filhos deste relacionamento (soronegativos) e o meu marido continua soronegativo. Ou seja, tenho 5 filhos e um maridão. Participo do grupo Renascer, formado por mulheres vivendo com HIV/aids, onde recebo muito apoio moral e força para continuar vivendo. Convivo com o vírus há 13 anos e até hoje não precisei fazer o tratamento contra a aids. Não falto às minhas consultas e me alimento muito bem. Vou cumprir a promessa que fiz a minha família de viver muito bem. Leio sempre a Saber Viver e, para mim, é uma honra poder dividir um pouco da minha vida com outros leitores da revista.

Um grande abraço a todos.” (Vontade..., 2006, p. 11)

Ao narrarem suas histórias com o adoecimento os colaboradores da revista evidenciam formas diversas como aprendem a viver com a doença, com a cronicidade, ao mesmo tempo em que desvelam modos como superam as adversidades da vida, dos preconceitos e discriminações que são acometidos em diferentes espaços sociais e como constroem dispositivos para viverem com a soropositividade.

As rupturas identitárias e os processos de refiguração são bastantes singulares, na medida em que cada sujeito forja ações e atitudes de subserviência, entrega, enfrentamento e aprendizagens biográficas, vinculadas ao ato de narrar sobre suas experiências com a doença.

A doença crônica se inscreve e instala-se como uma cola na vida, metaforicamente, como um post-it que deixa sempre avisos sobre a cronicidade, manifestando-se de formas e cores diferentes, através da temporalidade, do processo de subjetivação e das aprendizagens necessárias para que a vida tenha e ganhe outros sentidos e significados, mediante o adoecimento. Viver com a doença crônica é uma disposição e um contínuo que remete o sujeito a superar rupturas identitárias e prefigurar sua própria identidade, como modo de viver e aprender com sua própria experiência e suas relações com o adoecimento.

Referências

- Delory-Momberger, C. (2016). A experiência da doença: um tocar do existir. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*. V. 25, n. 46, p. 25-31.
- Delory-Momberger, C. (2013). Expérience de la maladie et reconfigurations biographiques. *Revista Education Permanente*, Paris, CNAM, n. 195, 2, p. 121-131.
- Delory-Momberger, C. (2012). Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523-740.
- Delory-Momberger, c. & Tourette-Turgis, C. (2014). Vivre avec la maladie : expériences, épreuves, résistances. *Le sujet dans la cité – Revue Internationale de Recherche Biographique*, Paris, L'Harmattan, n. 5, p. 134-38.

- O pavor da discriminação. (2020). *Revista Saber Viver*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 06, p. 8-9, ago./set. 2000.
- Souza, E. C. (2018). Post-it: narrativas biográficas e doenças crônicas. *Linhas Críticas*, v. 24, p. 64-84.
- Souza, E. C. (2016). Existir para resistir: (auto)biografia, narrativas e aprendizagens com a doença. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*. V. 25, n. 46, p. 59-74.
- Souza, E. C. (2014a). “Savoir vivre” avec la maladie: apprentissages biographiques et récits de résistances. *Le sujet dans la cité – Revue Internationale de Recherche Biographique*, Paris, L’Harmattan, n. 5, p. 138-148.
- Souza, E. C. (2014b). Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação/Santa Maria*, v. 39, n. 01, p. 39-50.
- Tenho o HIV, porém feliz. (2020). *Revista Saber Viver*, Rio de Janeiro, Ano 2, n. 12, p. 12, set./out. 2001.
- Tourette-Turgis, C. (2015). *L’éducation thérapeutique du patients: la maladie comme occasion d’apprentissage*. Louvain-la-Neuve: De Boeck.
- Tourette-Turgis, C.; Paulo-Pereira, L. (2016). Reconhecer a experiência e a expertise do doente: um dispositivo inovador: a Universidade dos Pacientes. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*. V. 25, n. 46, p. 33-44.
- Vianna, H. (1988). *‘Quase um segundo’ – Os Paralamas do Sucesso*. São Paulo: Gravadora EMI.
- Vontade de viver. (2020). *Revista Saber Viver*, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 35, p. 11.

